

# História cultural: outros objetos, outras fontes, um olhar sensível

Maise Caroline Zucco<sup>1</sup>

A Nova História Cultural, como destaca Peter Burke no livro “O que é história cultural?”, ampliou o território desse campo de conhecimento incluindo novos componentes à historiografia. Cheiros, ruídos, corpos, leituras tornaram-se objeto de estudo e, para isso, novas fontes históricas passaram a ser incorporadas.<sup>2</sup>

Contudo, como ressalta Burke, novas fontes requerem novas formas críticas de análise e é nessa perspectiva que o livro “Narrativas, imagens e práticas sociais: percursos em história cultural” procura escrever sobre a História Cultural.

Organizado por Sandra Jatahy Pesavento, Nádia Maria Weber Santos e Miriam de Souza Rossini, a coletânea de artigos publicada em 2008 pela Editora Asterisco é um livro comemorativo dos dez anos de existência do Grupo de Trabalho História Cultural, ligado a seção regional da Associação Nacional de História do Rio Grande do Sul.

Com apresentação de Nádia Maria Weber Santos e introdução de Sandra Jatahy Pesavento, a leitura das primeiras páginas da coletânea possibilita conhecer a trajetória do Grupo de Trabalho formado em 1997 e o panorama dos estudos culturais no campo acadêmico brasileiro – 87% das dissertações, livros e artigos de revistas historiográficas.

A partir da própria organização do sumário, o livro pode ser dividido em três partes: a primeira abordando narrativas, a segunda parte imagens e a última tematizando as práticas sociais.

Em “História Cultural e Narrativas”, título da primeira parte do livro, são reunidos quatro artigos que perpassam diferentes fontes como suporte para a construção de narrativas históricas. No primeiro artigo da coletânea, intitulado “Nostalgia do tempo em um tempo de nostalgia”, Luiz Fernando Beneduzi – professor da Università degli Studi di Bologna e da Universidade Luterana do Brasil – trabalha com a narrativa de imigrantes italianos ressaltando o sentimento de nostalgia. Seu trabalho perpassa uma análise médica da nostalgia, como doença ligada a sintomas físicos, e o estabelecimento de uma nova relação dos sujeitos históricos com a experiência temporal.

Para o autor, a modernização teve como resultado uma aceleração do tempo, que fragmentou o vivido e produziu uma relação conflituosa entre a perda e a preservação da memória. Seria em meio a esses conflitos que imigrantes viveriam suas experiências: a rememoração nostálgica do lugar de partida, o presente e a chegada, e as projeções futuras de uma terra que se relaciona com a experiência italiana e a vivência do presente. Esse capítulo do livro trata ainda da narrativa histórica utilizando como elementos para sua construção a literatura, a canção e a escrita ordinária.

Claudia Musa Fay, no artigo “A terra vista do céu através das palavras de Saint-Exupéry”, trabalha com os relatos de viagens do piloto aéreo e escritor francês. Seu trabalho apresenta as paisagens e as impressões de uma personagem que viveu uma experiência fantástica de sobrevoar e aterrizagem em lugares peculiares. Como mesmo ressalta a autora, esses aviadores poderiam ser relacionados à “cavaleiros dos tempos modernos”.

Em “Canto e tradição: a voz como narrativa histórica”, Márcia Ramos Oliveira retoma a Grécia Antiga para estabelecer uma analogia entre a arte de narrar, por meio da canção na antiguidade, e o ofício do/a historiador/a. Assim, seu trabalho torna-se metodológico, uma vez que destaca os elementos que constituem a canção e estabelece sua distinção em relação palavra escrita.

No último artigo dessa primeira parte do livro, que possui o título “História, subjetividade e cultura em leituras sensíveis do Eu: um exemplo nas escritas ordinárias de hospício”, Nádia Maria Weber Santos – Doutora e mestre em História e médica psiquiátrica – trata da subjetividade e do simbolismo da escrita do Eu a partir de Jung. Nesse artigo, sua análise está centrada em textos produzidos a partir da vivência em hospícios, como é o caso de Lima Barreto e de cartas escritas por um paciente de uma instituição de Porto Alegre (Rio Grande do Sul). Outra fonte utilizada é o texto de Rocha Pombo, que embora não tenha passado por tal experiência, escreveu sobre o tema manicomial. Assim, a autora trabalha com a noção de sensibilidade em suas

<sup>1</sup> Possui graduação em História pela Universidade Federal de Santa Catarina (2004), mestrado em História (2008, PPGHST/UFSC) e atualmente cursa o doutorado na mesma instituição.

<sup>2</sup> BURKE, Peter. *O que é história cultural?* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005. p.148-149.

marcas objetivas que possibilitam dar sentido ao passado a partir das entrelinhas.

A segunda parte da coletânea, intitulada “História Cultura e Imagem” tem início com o artigo “O mundo da imagem: território da história cultural”, de Sandra Jatahy Pesavento. Nesse trabalho, a autora discute a imagem em sua relação com o real. Assim, o artigo faz menção à questão visual desde as pinturas rupestres, à arte bizantina e asteca, debatendo a intencionalidade da imagem enquanto fazer crer, e sua apreensão histórica como representação.

Sua análise dirige a leitura da imagem com base nos objetivos históricos, problematizando que as intenções desse campo de conhecimento devem estar voltadas para a percepção acerca da realidade vivenciada em determinada época e não para fatos de teriam efetivamente acontecido. O trabalho metodológico de Sandra Jatahy Pesavento vai além, estabelecendo a partir de análise hermenêutica de Paul Ricoeur, uma orientação para a análise da imagem como fonte.

“O cinema e a história: ênfase e linguagem”, artigo de Miriam de Souza Rossini, discorre sobre as características da narrativa cinematográfica e os elementos que a compõem. Segundo a descrição da autora, filme e cinema podem ser diferenciados onde o segundo desses componentes é formado por um “tripé”: composto pela área de produção, de distribuição e de exibição. Para além desses fatores, o filme possui uma linguagem própria que requer uma análise particular, sem, contudo, desconsiderar o binômio arte-indústria. Cores, luz, sons, diálogos, cenários, tudo faz parte dessa forma de expressão que estabelece uma relação com o real, mas que se trata de uma representação.

É enfatizando a questão da representação que a autora demonstra que tanto os filmes, como os documentários, não se tratam de algo realístico ou sem intencionalidade. Quem registra quer mostrar algo, direcionar o olhar de uma forma determinada, e isso é ficcional.

No artigo “Construindo a história da cidade através de imagens”, Charles Monteiro trabalha com algumas coleções de fotografias publicadas no livro “Porto Alegre: biografia duma cidade”. Essa obra está inserida em um contexto no qual a cidade expande as exibições de cinemas e os espetáculos, em que a publicidade ganha mais espaço e as fotografias passam a ser incorporadas, com objetivos

informativos, por meio de reportagens, ou mesmo através da publicidade.

Com base nas imagens da referida obra, Charles Monteiro narra a construção de uma história visual de Porto Alegre que buscou legitimar reformas urbanas ocorridas durante o Estado Novo.

A terceira parte do livro, “História cultural e práticas sociais”, inicia com o texto “Cultura política: as mediações simbólicas do poder”, de Ricardo de Aguiar Pacheco. O objetivo central desse artigo é perceber como os problemas tradicionais da história política são analisados pela perspectiva da história cultural. Para isso o autor utiliza o termo cultura política, que compreende as representações e práticas sociais codificadas pelos sujeitos históricos, ou seja, as formas como interpretam e agem sobre o campo político em um determinado espaço e em uma determinada época. Nesse sentido, como ressalta o autor, os objetivos da história política passam a ser observados a partir das lentes da cultura.

Maria Luiza Filippozzi Martini, – professora do Departamento de História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – no segundo artigo desse capítulo trabalha com a expressão artística conhecida como “happenings”. Esse trabalho, intitulado “Espetáculo: acontecimento e documento”, explica esse movimento artístico presente no imaginário da década de 1960, formado por acontecimentos de rua que agrupavam dança, teatro e artes plásticas em meio a arquitetura urbana, e que fazia parte da contracultura.

Após sua explanação sobre “happenings”, Maria Luiza Filippozzi Martini perpassa referências conceituais da década estudada, como é o caso de Marcuse, Derrida, Artaud e Caio Prado Jr.; além de debater a montagem de peças teatrais, como é o caso de “Paradise Now”, “O rei da vela” e “Homens, variações sobre o tema”.

O último artigo desse livro recebe o nome de “Adivinhações, feiticeiras e cura: os poderes naturais e sobrenaturais dos negros e a fé dos senhores de escravo (Rio Grande do Sul/século XIX)”. Paulo Roberto Staudt Moreira, autor do texto, trabalhando com processos criminais, discorre sobre o imaginário de cura e feitiçaria que rodeava a cultura negra e como esse imaginário também era partilhado pelos donos de escravos. Entre as testemunhas do processo é possível perceber a crença nos poderes sobrenaturais dos africanos

<sup>3</sup> PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História & História Cultural*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

*Maise Caroline Zucco*

envolvidos com o caso e, conseqüentemente, como o misticismo transitava na sociedade gaúcha do século XIX. Em outros termos, com base nessa análise é possível perceber a circularidade cultural.

Com uma proposta bem variada, a série de artigos que compõem o livro "Narrativas, imagens e práticas sociais: percursos em história cultural" aborda a subjetividade, as sensibilidades, o imaginário, as representações, seguindo os olhares propostos pela história cultural. Filmes, cartas, imagens, processos crime, textos literários, fotografias, peças teatrais são utilizados como fontes para as pesquisas ampliando as possibilidades historiográficas ou, como descreveu Sandra Jatahy Pesavendo em seu livro "História & História Cultural"<sup>3</sup>, constituindo um "espectro de fontes que se revela quase infinito"<sup>4</sup>.

Diferente de livros como "O que é História Cultural?", de Peter Burke, e "História & História Cultural", anteriormente citado, que discorrem sobre o percurso dessa perspectiva historiográfica, ou mesmo diferente do trabalho organizado por Lynn Hunt em "A Nova História Cultural", que reúne artigos abordando diferentes autores e autoras, referências aos estudos culturais; o livro "Narrativas, imagens e práticas sociais" reúne recortes de pesquisas elaboradas por pesquisadoras e pesquisadores vinculados ao GT da ANPUH do Rio Grande do Sul. Ou seja, é uma amostra do que está sendo desenvolvido por um determinado grupo e assim, uma das possibilidades de abordagem de diferentes fontes por esse campo de estudos.

O livro além de ser um indicativo desse campo de pesquisa historiográfico no Sul do Brasil, é um suporte para estudantes, pesquisadoras e pesquisadores que procuram ter um panorama de análise de determinadas fontes históricas através da perspectiva da história cultural de forma clara e objetiva.

Resenha recebida em 01.12.2010.

Resenha aprovada em 05.03.2012.

---

<sup>4</sup> Ibid. p. 96.